

# REMÉDIO AMARGO

José Rezende Jr.

Da equipe do Correio

Kennedy da Silva (Francisco Milani) é interno de um hospital psiquiátrico. Tem um buraco na cabeça. Costuma dar uma escapada até o botequim da esquina, onde toma cachaça e conta, em capítulos, a história da sua vida. Não é uma vida muito divertida. De qualquer maneira, ao contrário do que imaginava De Gaulle, este também não é um país divertido.

Advogado, Kennedy ganha a vida como vendedor de uma loja de colchões. Demitido, endividado, pressionado pela ex-mulher que lhe cobra pensão e indignado com a situação do país, ele resolve comemorar o réveillon com um tiro na cabeça. Antes, senta-se na sala do apartamento minúsculo e começa a ver televisão.

A TV é quase personagem central do filme. Onipresente, bombardeia o telespectador com imagens de um país em ruínas. Não há lugar para boas notícias: só corrupção, êxodo rural, desemprego, fome, violência, prostituição infantil... Enfim: ingredientes *perfeitos*, acredita o diretor, para uma comédia. Isso mesmo: Octavio Bezerra garante ter feito uma comédia.

Para se ter uma idéia do humor do filme, a certa altura o âncora do telejornal informa: "Aumentou o número de crianças abandonadas. Mas o governo anuncia que vai aumentar a mortalidade infantil".

Ao mesmo tempo que não consegue desgrudar o olho da televisão, Kennedy derrama uma longa declaração de desamor à *máquina de fazer doido*: "Caixa mágica maldita! São 40 anos que você vomita má notícia e demência. Te odeio, criadora de sonhos irrealizáveis, tropa de elite do capitalismo selvagem, destruidora do sistema imunológico da inteligência humana".

Sabendo que o diretor usou antigas imagens de filmes que não vingaram por falta de dinheiro, fica mais fácil entender a fita — que, de fato, parece um apanhado de antigas imagens, costuradas por Kennedy e sua TV. Com o mérito, pelo menos, de trazer de volta o inesquecível Wilson Grey, em cenas rodadas na década passada.

A seqüência protagonizada por Wilson Grey é quase um filme dentro do filme. Há outros momentos, como a história da família de sem-terra que vai tentar a sorte na cidade grande e se desagra. O filho vira vendedor de amendoins, numa homenagem explícita a *Rio 40 Graus*, de Nelson Pereira dos Santos. A filha vai fazer a vida na Vila Mimosa e recebe aulas de prostitutas verdadeiras, numa outra característica da fita: a mistura de ficção com documentário.

Caótico, cruel e depressivo, *O Lado Certo da Vida Errada* deve ser degustado preferencialmente por quem acredita que rir é o melhor remédio. Mesmo para esses, Octavio Bezerra prescreveu um remédio amargo.